



Morra, amor: releitura dos papéis de gênero a partir da obra de Ariana Harwicz

**Andrea Raquel Martins Corrêa
Danielle Adelino de Sousa**

Este trabalho objetiva a realização de uma vivência psicodramática inspirada na obra literária *Morra, amor*, de Ariana Harwicz, e em sua adaptação cinematográfica homônima, dirigida por Lynne Ramsay, tomando a narrativa como uma caixa de ressonâncias, isto é, um convite à pesquisa e reflexão acerca dos efeitos da cisheteronormatividade e do sistema capitalista neoliberal sobre os modos de sentir, desejar e viver. A proposta insere-se no eixo território, memória e transformação, compreendendo o território não apenas como espaço físico, mas como campo simbólico e relacional: o corpo, a casa e a família nuclear configuram-se como paisagens onde se inscrevem regimes de gênero, economias do cuidado e dispositivos de controle da sexualidade e dos afetos.

Parte-se da compreensão de que o corpo é território primeiro, atravessado por memórias sociais que antecedem o sujeito e organizam os papéis desempenhados. As normas da cisheterossexualidade, articuladas à racionalidade neoliberal, produzem corpos regulados por roteiros binários: às mulheres são atribuídos o cuidado, a maternidade e o silenciamento do desejo; aos homens, o ideal do pai provedor e a interdição da vulnerabilidade afetiva.

No Brasil contemporâneo, o cenário da precarização do trabalho tenciona esse modelo, sobretudo quando o ideal masculino de sustentar sozinho a casa se torna materialmente impossível. Diante da insuficiência da renda masculina, somada à exigência da inserção das mulheres no mercado de trabalho sem políticas públicas adequadas para a socialização do cuidado, as relações amorosas e os papéis de gênero podem se transformar em um campo de batalha permanente.

O sofrimento emerge no sujeito como produto de uma ordem social que converte conflitos históricos em fracassos individuais. O corpo territorializado por esses papéis passa a sentir dentro de limites autorizados: culpa onde há desejo, exaustão onde há cuidado compulsório, medo onde há ruptura e raiva convertida em violência onde há interdição

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



ao reconhecimento da própria vulnerabilidade.

A vivência fundamenta-se no método do Teatro Espontâneo, utilizando fragmentos do filme e do texto literário como cenas disparadoras para a criação coletiva. O palco, enquanto potência de elucidação do drama e da ação criadora dos papéis psicodramáticos, representa um microcosmo social no qual o espectador se converte em ator ao encontrar-se com a própria existência, tornando visíveis as contradições e os jogos de poder que atravessam os papéis sociais.

O Psicodrama é compreendido como prática que possibilita romper com as conservas culturais que compõem subjetividades adaptadas aos poderes dominantes. A cena torna-se lugar de concretização dos conflitos, na qual o sofrimento deixa de ser apenas sintoma e passa a ser linguagem artística, memória coletiva e possibilidade de transformação.

Espera-se que a experiência propicie o questionamento dos papéis de gênero e da cisheteronormatividade monogâmica articuladas à racionalidade neoliberal, abrindo brechas para a criação de novos modos de sentir, agir, desejar e narrar a própria existência.

Palavras-chave: Papéis de Gênero. Cisheteronormatividade. Neoliberalismo. Teatro Espontâneo. Criação coletiva.

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026